



O realizador nos bastidores de uma cena de 'Pacificado' com Débora Nascimento e Cássia Gil no calçadão de Copacana

“‘Pacificado’ começou como um projeto muito pequeno, desenvolvido em conjunto com a comunidade do Morro dos Prazeres. Nem sequer tínhamos certeza de que encontraríamos financiamento, por isso estávamos preparados para fazer o filme com nossos smartphones, se fosse necessário”

PAXTON WINTERS



Paxton Winters e Maga no Morro dos Prazeres, onde o cineasta tem casa até hoje



Hoje na Disney+, 'Pacificado', com Cássia Gil, marcou de vez a brasilidade do estadunidense Paxton Winters

forma uma fila e aplaude os realizadores enquanto eles saem. Foi extremamente emocionante para toda a nossa equipe. A maioria de nós estava chorando. É um daqueles momentos que você nunca esquece.”

Rodado num Rio ainda marcado pelos rastros das Olimpíadas de 2016, “Pacificado” observa a tentativa de reconstrução de uma família pela ótica de Tati (Cássia Gil), menina criada pela mãe, Andréa (Débora Nascimento), e pela bisavó Dona Preta, vivida pela saudosa Léa Garcia. A rotina das três é sacudida pela saída de Jaca (Bukassa Kabengele) da prisão. Ex-chefe do tráfico e pai que Tati praticamente não co-

nheceu, ele retorna aos Prazeres tentando estabelecer outra relação com a filha e, sobretudo, encontrar uma existência possível fora do circuito que o levou ao cárcere.

Laura Merians fotografou esse processo procurando os olhos dos personagens. Seu trabalho transformou a geografia da comunidade em estado emocional e assegurou um dos três prêmios conquistados pelo filme em San Sebastián. Darren Aronofsky, diretor de “Cisne Negro” e “A Baleia”, integrou o time de produtores de uma obra cuja dimensão internacional jamais apagou sua raiz carioca. Ao contrário: para Winters, o processo de realiza-

ção nasceu justamente da convivência com os Prazeres.

É por isso que a presença de “Vicentina Pede Desculpas” na competição deste ano produz um eco particular. Gabriel Martins, diretor de “Marte Um” (2022), chega a San Sebastián com outra cinematografia construída a partir da periferia brasileira.

Produzido pela Filmes de Plástico, coletivo surgido em Contagem, Minas Gerais, seu novo longa é estrelado por Rejane Faria como uma professora aposentada de 75 anos que procura as famílias das vítimas de um acidente de ônibus no qual seu filho morreu. A jornada começa

quando aparecem suspeitas de que ele próprio teria provocado deliberadamente a queda do veículo de um viaduto.

Winters conhece e admira o trabalho de Martins e evita assumir a posição de veterano disposto a ensinar o caminho das pedras ao brasileiro que agora entra no páreo pela Concha. “Para ser sincero, hesito em dar qualquer conselho ao Gabriel, porque ele e sua equipe são cineastas excelentes. Sou um grande admirador do trabalho deles e do espírito coletivo com que fazem cinema”, diz Winters. A única advertência diz respeito ao turbilhão emocional provocado pela competição: “Estar

concorrendo é incrivelmente empolgante, mas também pode ser um pouco estressante. Eu diria apenas para ele tentar conhecer o maior número possível dos outros cineastas em competição, porque isso ajuda a fazer com que a experiência deixe de girar apenas em torno da disputa.”

Há também recomendações menos solenes. Winters sugere a Martins aproveitar a gastronomia de San Sebastián e a beleza de uma cidade litorânea na qual identifica até parentescos afetivos com o Rio de Janeiro. “É uma cidade muito bonita e, como o Rio, tem praias ótimas. Uma delas tem até um Cristo olhando para ela. Mas, acima de tudo, eu diria para tentar aproveitar cada momento. Tudo passa incrivelmente rápido. E, por último, quero desejar boa sorte a ele e a toda a equipe.”

Enquanto “Vicentina Pede Desculpas” entra em campo para tentar aumentar a representação brasileira na galeria da Concha de Ouro, Winters trabalha numa geografia radicalmente distante daquela que lhe deu o troféu. Seu próximo longa foi rodado integralmente no Iraque e tem Garrett Hedlund, de “Tron: O Legado” (2010) e da série “Tulsa King” (2022-2026), no elenco. O diretor acaba de concluir uma nova montagem e espera iniciar agora a trajetória internacional da produção.

“É sobre um sargento americano que se vê prisioneiro na casa de um jovem iraquiano que começa a se envolver com a insurgência, para horror do pai e da irmã desse rapaz”, explica. O desenho inicial de filme de guerra, porém, é progressivamente desmontado pela mudança do ponto de vista. “À medida que a história avança, a perspectiva se desloca lentamente para incorporar a experiência da família iraquiana. Quando as circunstâncias obrigam todos a fugir juntos na velha van da família, o thriller de guerra transforma-se numa jornada tensa e profundamente humana, na qual as fronteiras entre inimigo e aliado, captor e prisioneiro começam a se confundir.”

A possibilidade de regressar a San Sebastián com o novo trabalho provoca uma resposta bem-humorada: “Veremos! Acabamos de terminar uma nova montagem do filme e, obviamente, adoraríamos levá-lo para lá”.

Mas a geografia que transformou a carreira de Paxton Winters continua a puxá-lo de volta. O cineasta mantém sua casa no Morro dos Prazeres e prepara, ao lado de Maga, seu parceiro de escrita na comunidade, um novo roteiro para ser filmado outra vez naquele território. “Estamos muito entusiasmados com esse projeto, porque é uma história contada a partir de uma perspectiva que nunca vimos desta maneira antes”, antecipa.

É um retorno que fecha um círculo sem encerrá-lo. “Pacificado” é só início de uma epopeia criativa de Winters com a cidade.